

---

## **ENSAIO SOBRE A COMILANÇA NAS ANIMAÇÕES MUSICAIS INFANTIS: POÉTICA E SEMIÓTICA ALIMENTANDO AS CRIANÇAS DO BRASIL**

**Estudante(s): Isabella Araujo Dias Damaceno, Julia Cabral Pires, Laura Mourão Nicoli.**

**Orientador(es): Márcio Bonesso**

**Escola: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro,  
Campus Uberlândia - Centro.**

### **Resumo**

A pesquisa deseja apresentar um ensaio de interpretações poéticas e semióticas das animações musicais infantis: Piuí Abacaxi, Uni duni tê, É de Chocolate; Água e Sal; e Cuidado na Cozinha. Tomando como base discussões antropológicas, sociológicas e filosóficas que abordam temas sobre natureza e cultura, indústria cultural e sociedade de consumo, política e bipoder as descrições desejam compreender como as imagens e os versos poéticos sugerem a presença de uma razão cultural em nossos hábitos alimentares, gerando significativas distinções categóricas de comestibilidade na vida cotidiana. As narrativas dessas animações musicais estão circunscritas a tipos de socializações alimentares que nos revelam uma disputa de marcadores culturais transitórios entre formas de classificações do natural, humano e sobrenatural que incutirá uma forte influência na construção dos hábitos infantis.

### **Introdução**

Objetivo Geral da pesquisa é interpretar a formação dos hábitos alimentares infantis e suas práticas de comestibilidades nas animações musicais Piuí Abacaxi, Chocolate, Unidunitê; Água e Sal e Cuidado na Cozinha.

Como objetivos específicos a pesquisa deseja: i) Interpretar como a relação entre natureza e cultura é vinculada às mensagens poéticas e semióticas no *pout-pourri* Piuí Abacaxi, Uni duni tê, É de Chocolate através de uma conexão de sentido associada ao consumo infantil e hábitos alimentares que envolvem o excesso de açúcar. ii) Interpretar como na animação musical Água e Sal os aspectos poéticos e semióticos narrados por meio de elementos de socialização alimentares gera uma atitude política de empoderamento e ocupação da rua e de ambientes coletivos de convivência. iii) Interpretar como a relação entre natureza e cultura é vinculada às mensagens poéticas e semióticas na animação musical Cuidado na Cozinha demonstrando

---

através das técnicas corporais sexuais e da noção de biopoder como há uma visão cultural que naturaliza e classifica o feminino no ambiente doméstico.

### **Metodologia**

A pesquisa possui como material etnográfico as animações musicais que são consumidas pelas crianças nos principais dispositivos analógicos e digitais. Caso seja aprovada, adjunta ao *bunner* a equipe deseja realizar uma cenografia no *stand* com elementos infantis que remeta as animações musicais e ao universo perinatal que contará com a colaboração da artista plástica Jane Côbo. A equipe de alunas envolvidas é composta por bolsistas de iniciação científica do ensino médio integrado ao curso técnico de Administração, do Instituto Federal campus Uberlândia-centro: Isabella Araujo Dias Damaceno, Julia Pires Cabral, Laura Mourão Nicoli, trabalham diretamente as temáticas propostas entre a relação natureza e cultura; indústria cultural; política e biopoder a luz das discussões teóricas da antropologia, sociologia e filosofia. Ademais, o processo de construção dos resultados que serão apresentados a seguir foi coletivo, sendo a maioria do texto escrito pelas alunas. Coube ao professor orientador fazer a junção das escritas e formatá-las às exigências do edital.

### **Análise e Discussão dos Resultados**

#### **Piú Abacaxi, Uni duni tê, É de chocolate**

O *pout pourri* das animações musicais *Piú Abacaxi, Uni duni tê, É de chocolate* da dupla de palhaços Atchim e Espirro se passa nas dependências de uma estrada, esta por sua vez descaracterizada dos elementos básicos de sua composição comum como cimento, granito e árvores, metamorfoseadas por guloseimas coloridas e divertidas. As árvores são feitas de chantilly e no lugar das frutas, temos aqui pirulitos. As pessoas dão lugar à *cupcakes* dançantes e o motorista do trem é uma barra de chocolate, causando nas crianças um impacto positivo desses alimentos que são conhecidos medicinalmente pelo seu alto teor de açúcar refinado, gerando doenças graves e obesidade em massa. A sequência de cenas mostra em sua generalidade o “trem da alegria”, que passa pelos trilhos, por entre montanhas e paisagens costuradas. Remetem a uma animação colorida, envolvente e extremamente chamativa devido às diferentes estampas e doces colocados. Neste cenário, o videoclipe apresenta em seus aspectos semióticos uma reviravolta na relação natureza e cultura. O doce e o açúcar são processados no reino da cultura, entretanto, nessas animações, há nova mudança e alternância nos paradigmas de consumo e no modelo do desenho animado pode-se pensar em uma inferência conclusiva, o retorno do açúcar refinado e

---

industrializado ao reino da natureza, a partir do momento em que esses elementos se tornam parte da paisagem natural do cenário.

A música *Piúi Abacaxi* começa com dois personagens, palhaços, em um trem colorido percorrendo este cenário. Com o início da letra “piúi, piúi, piúi abacaxi, choque, choque, choque por aí” o trem começa a andar em meio a “floresta de doces” e alguns dançarinos usando roupas coloridas surgem. A letra continua “eu quero ter a tua companhia, vem viajar comigo no vagão, tome um lugar no seu assento que o caminho agora é a favor do vento”, entretanto a dinâmica do clipe não muda, talvez por se tratar de uma produção mais antiga. Os palhaços continuam cantando a bordo do trem colorido que segue seu caminho em meio a floresta de doces, com ocasionais aparições dos dançarinos. É interessante notar certa divergência entre a letra da música e o clipe em si. A letra fala sobre andar de trem e viajar em companhia: “Depois daquela curva vem o túnel, peço pra pegar na tua mão, desce a ladeira o sino toca, faz meu coração: din din din din don don” e “eu quero ter a tua companhia, vem viajar comigo no vagão”. A única relação perceptível entre a letra e o clipe é a presença do trem colorido. Os doces e guloseimas que preenchem o cenário do clipe não são citados na letra. Essa relação entre universo infantil e os doces é feita em muitas produções de clipes musicais voltadas para esse público, mesmo a letra não abordando o tema. Para tanto, mescla-se aspectos naturais como árvores, flores e animais com alimentos industrializados, naturalizando-os.

Logo após a música do “*Piúi abacaxi*” os palhaços emendam as outras músicas “É de chocolate” e “*Uni duni tê*”. Na primeira, para além do clipe é visível a supervalorização do doce como alvo de desejo mútuo na letra: “Por detrás do arco-íris, além do horizonte, há um mundo encantado, feito pra você, onde um sonho colorido, mora atrás do monte, quero te levar comigo, quando amanhecer, vou te mostrar que é de chocolate, de chocolate o amor é feito, de chocolate”. A letra leva às crianças a sonharem com um “mundo encantado” cujo principal atrativo é o amor que é feito de chocolate. A produção relaciona um sentimento afetivo responsável pela criação dos primeiros vínculos familiares da criança na sociedade ocidental e o relaciona ao doce. A estratégia de um refrão muito repetitivo também colabora para se replicar o processo de naturalização consumista de se alimentar de forma excessiva com chocolate. Já a música *Uni duni tê* exalta a fase da infância: “Eu quero é mais brincar, melhor é ser criança”. O clipe continua com as imagens dos palhaços atravessando a floresta de doces com a presença de alguns dançarinos, enquanto relaciona o mundo da fantasia, “magia” e sonhos às crianças: “Eu

quis saber da minha estrela-guia, onde andaria meu sonho encantado, fada-madrinha, vara de condão, esse meu coração sonhando acordado, vai nos levar para um mundo de magia, onde a fantasia vai entrar na dança”. A letra da música levanta elementos da infância justificando a tese “o bom é ser criança” e no refrão também coloca o doce como um deles: “Uni duni duni tê, ô ô ô ô, Salamê mingûê, ô ô ô ô, **sorvete colore**, sonho encantado onde está você? ”. Assim, a natureza é evidenciada nos prazeres momentâneos proporcionados pela ação do açúcar, dos doces no corpo humano e na mente da criança – esta que tem em seu processo de formação reforçado pela mídia e pela educação desatenta da família às influências na saúde futura da criança pelo consumo de doces – que determina na pré-concepção do ser o prazer alimentício advindo da presença de açúcar, que classifica o doce como saboroso e apetitoso enquanto rejeita o alimento saudável e natural. Essa visão sobre os alimentos industrializados em associação com as sensações prazerosas e os sentimentos de felicidade ainda é reforçada como um elemento recompensador, sendo o doce colocado na posição de um prêmio pela realização de alguma boa ação, de uma atitude esperada ou no alcance de uma meta.

Nesse cenário cheio de açúcar o termo indústria cultural criado no livro *Dialética do Esclarecimento* (1985) por Theodor Adorno e Max Horkheimer, membros de um grupo de filósofos conhecidos como Escola de Frankfurt, ao fazerem a análise da atuação dos meios de comunicação de massa no consumo da população mundial do século XX, esses autores concluíram que eles funcionavam como uma verdadeira indústria de produtos culturais, visando exclusivamente o sentido do consumo. Conforme Adorno, a indústria cultural comercializa mercadorias culturais, vende imagens do mundo e faz propagandas com finalidade de lucrar, utilizando assim as expressões artísticas voltadas primordialmente com uma finalidade mais econômica do que propriamente educacional.

### **Bolacha de Água e Sal**

Em contraponto ao *pout-pourri* da música anterior, a música Bolacha de Água e Sal do grupo Palavra Cantada, curiosamente, apesar de tratar de um alimento industrial prioriza uma abordagem que enfatiza a saúde e a boa alimentação das crianças. A música anterior influenciava seu público a consumir de forma excessiva alimentos gordurosos, com um baixo valor nutricional e rico em gorduras que são ruins a nossa saúde, por outro lado, a música Bolacha de Água e Sal, em sua composição, é caracterizada por repassar informações positivas sobre um alimento que mesmo industrializado é constituído por ingredientes mais simples como “farinha,

---

fermento, água e sal” e não possuem tantas gorduras como o açúcar, manteiga e processamentos químicos.

Essa música ainda é marcada por frases que remetem a elementos da infância e que trazem a memória de momentos bons de quando éramos pequenos. São muitos os aspectos que podemos atribuir as suas práticas de comestibilidade coletiva, sobretudo, através de uma religião com a ancestralidade de parentesco: “Quando a minha avó era criança, quando a vida era sempre igual, lá na roça acordavam cedo, pra comer bolacha de água e sal”. A relação da ancestralidade com os avós também cria uma conexão da criança com os elementos da natureza. Demonstrando até mesmo as dificuldades das épocas antigas, a escassez de alimentos e a relação da cultura caipira manipulando os seus mínimos vitais: “Quando o meu avô era criança, veio num navio de Portugal, a viagem ficou na lembrança, só comiam bolacha de água e sal.”

No aspecto semiótico, desde a simplicidade nos elementos gráficos que é composto o cenário, este constituído por bolachas que se transformam em qualquer elemento natural e cultural como casas e árvores e enfeitam a paisagem com sua ingenuidade. Assim, o clipe sugere que as crianças troquem bolachas com recheios calóricos, pela simplicidade dessas bolachas que são deliciosas, bem menos hidrogenadas e industrializadas em seu processo de fabricação: “Gosto de bolacha sem açúcar, gosto de bolacha sem recheio, gosto de bolacha sem perfume, gosto do que é normal, uma bolacha de água e sal”. Nesses versos a relação entre natureza e cultura ainda é posta nos revelando contornos bem significativos: “É... uma coisa natural, é... barato e não faz mal, de qualquer marca, é tudo igual” e nesse aspecto, os autores continuam relacionando a bolacha com características naturais, exacerbando a dimensão da simplicidade, da universalidade e da igualdade em contraposição aos elementos culturais do exagero, das particularidades arbitrárias e das regras consumistas do açúcar, do recheio e do perfume.

Mesmo o sal sendo um problema tão grave quanto o açúcar na saúde pública mundial e brasileira é importante notar que a letra e as imagens remetem a um sal diluído em outros ingredientes simples e naturais como a água. Nessa composição torna-se ainda um *elemento natural sagrado* nas famílias brasileiras, pois remete a uma dimensão de recuperação de certas doenças estomacais ou doenças nas quais a pessoa perde o apetite: “Quando a gente está meio enjoado, quando a gente está passando mal, quando a gente fica aperreado, bolacha de água e sal”. Assim, mesmo falando de um processo industrial, os usos e etiquetas dos versos e das imagens direcionam os marcadores culturais da bolacha para um consumo consciente.

Outros aspectos significativos que a letra e as imagens do clipe nos revelam é sobre a relação entre a ocupação dos ambientes públicos, as práticas de comestibilidades coletivas realizadas por meio de brincadeiras lúdicas. Atualmente, a rua, praça e vários espaços públicos de sociabilidade são vistos por muitos pais como um ambiente perigoso, de violência e que deve ser evitado, na letra é colocada como esses ambientes necessitam ser ocupados pelas pessoas: “Gosto quando vou brincar na rua, gosto quando encontro o meu amigo, gosto quando a mãe do meu amigo, me oferece uma bolacha, de água e sal”. Assim, quando a criança gosta de brincar na rua, encontrar os amigos, compartilhar alimentos com os vizinhos ela está se empoderando e, ao mesmo tempo, empoderando todo o ambiente comunitário na qual ele ocupa.

A elaboração da sua teoria sobre a política, a noção de poder da filósofa Hanna Arendt ilustra bem a situação proposta no videoclipe: “corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas também para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo, pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido (ARENDR, 2011: 60)”. Para a filósofa, essa maneira positiva de pensar o exercício do poder que emerge na Grécia antiga na separação entre *Oikos*, espaço privado da casa e das múltiplas privações; e *Ágora*, espaço público gerador da capacidade reflexiva de debater, argumentar ou discutir em torno de modelos de convivência humana, deve ser comparada com a ascensão do controle social nos Estados modernos (totalitários e democráticos). Para a filósofa o poder emanado do coletivo da *Ágora* se desinstalou da subjetividade humana a partir de dispositivos de controle social, aos quais isolam os indivíduos no ambiente do *Oikos* deixando a interação humana restrita às esferas privadas. Essa volta ao mundo do *Oikos* é muito perceptível atualmente nas cidades brasileiras por meio da sensação de insegurança pública reverberando no medo que uma parcela que os pais têm em socializar as crianças nos espaços públicos. Pode-se concluir que de maneira subliminar essa música colabora para as pessoas refletirem em que medida o abandono dos ambientes públicos pode gerar um ciclo vicioso de circunscrever a vida em ambientes restritos, ativando assim os espaços públicos das praças, ruas, calçadas mais propícios às violências urbanas. De maneira positiva as práticas de comestibilidades públicas e lúdicas apresentadas na animação se contrapõem a essa tendência privatista do medo da rua e do exagero consumista.

---

## **Cuidado na Cozinha**

Ao analisarmos a letra e as imagens da música Cuidado na Cozinha da Turma do Seu Lobato percebemos que se trata dos perigos que utensílios e eletrodomésticos da cozinha podem apresentar para as crianças evidenciando que elas devem ficar longe destes objetos: “Cuidado com o tal do fogão, é muito quente e você pode se queimar”. Tem um tom apelativo, como se um adulto estivesse ensinando uma criança: “Atenção, muita atenção, a cozinha é lugar de gente grande, lá não é lugar de brincar, é perigoso, você pode se machucar”. O vídeo, que inclui áudio e imagens nos passa a impressão de que se tem que ter responsabilidade na cozinha. Onde as crianças devem abandonar seu instinto de brincadeiras e assumir uma postura mais adulta e preventiva diante da possibilidade de acidentes. Essa postura se dá no sentido de observar e manter distância de objetos dispostos perigosamente, fogão quente ou uma tomada. Ou seja, as ações ali dentro devem ser bem pensadas. Logo de início é possível perceber uma relação entre natureza e cultura. A criança ao ser relacionada com a inexperiência e irresponsabilidade torna-se o elemento da natureza que os pais estão tentando aculturar, através de um determinismo biológico (BOAS: 2007) que relaciona a infância como o estado de natureza e a fase adulta como o estado de cultura.

O vídeo começa com uma mulher morena vestida de avental segurando uma colher dançando em uma cozinha juntamente com outras duas crianças também do sexo feminino. Logo os “perigos” da cozinha começam a se mostrar com facas caindo da mesa, uma panela de pressão prestes a explodir e uma garrafa que cai da geladeira aberta. A letra começa e as três continuam dançando na cozinha advertindo que a cozinha “é lugar de gente grande”. Depois uma das meninas encosta no fogão quente e a figura feminina adulta adverte “Cuidado com o tal do fogão, é muito quente e você pode se queimar”. Uma faca cai da pia logo após a cena do fogão e a mulher ressaltava outro perigo “Cuidado que tem faca na pia, se ela rodopia, ela cai e pode te cortar”. Volta para o quadro inicial com a mulher e as duas crianças na cozinha dançando e cantando o refrão. Nota-se aqui que somente figuras femininas aparecem durante todo o vídeo, uma adulta que pode ser interpretada como a mãe, e duas meninas. Isso reforça a ideia da cozinha como ambiente natural e exclusivo da mulher e que, portanto, os cuidados quanto aos perigos da cozinha interessam exclusivamente as meninas. É como se todos os conhecimentos passados na letra da música nem fossem importantes para os meninos e a figura paterna, pois é natural que eles não passem tempo no “ambiente da mulher”.

---

O antropólogo Marcel Mauss (2003) em *As Técnicas do Corpo* vai descrever como o minucioso processo de socialização a partir do treino social do corpo na qual as pessoas são submetidas desde nenéns é um processo cultural responsável por significar os estímulos à nossa volta. Desde objetos às mais inconscientes maneiras e formas de pensar são ensinadas às nossas crianças. Estabelecendo essas relações de que a cozinha é um ambiente natural da mulher por que cabe a ela cuidar do preparo do alimento e que, portanto, é de interesse da sociedade precaver as meninas dos perigos que alguns utensílios e eletrodomésticos apresentam, o vídeo compõe a gama de vários instrumentos utilizados pela sociedade para introduzir na mente das crianças as diferenças entre os papéis e os comportamentos do homem e da mulher. Nesse caminho de pensar a sexualidade como uma construção social do corpo, essas discussões antropológicas avançaram para a direção de se compreender a construção desses corpos sexuais dentro do contexto de uma sociedade de controle. Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir* (1987), no capítulo sobre os corpos dóceis, nos sugere visualizar os mecanismos institucionais de controle social que estão presentes nas práticas sociais de como devemos agir com relação à sexualidade. Sua argumentação também colabora em interpretar como a criação de dispositivos indiretos e imanentes de controle corporal: como certas cores para homens e outras cores para meninas; jeitos diferentes de se ensinar a sentar para meninas e o modo macho de se sentar; os símbolos masculinos de brinquedos vinculados a ambientes públicos (carrinhos, bolas) e das mulheres aos ambientes da casa (bonecas, cozinhas, de preparar e servir os alimentos) geram um reforço significativo no direcionamento social da sexualidade, do adestramento corporal e das práticas de comestibilidade através de uma relação de poder entre gêneros masculinos e femininos.

## Referências

- ADORNO, Teodor. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MAUSS, Marcel. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.